

Idealizações no coletivo, angústia e educação

Group idealizations, anguish and education

*Fernanda Ferreira Montes**

Resumo

Este artigo se propõe a analisar como o mecanismo de idealização num contexto coletivo protegeria o sujeito da angústia provocada pelo medo do desamparo em nossa sociedade contemporânea, que apresenta um discurso idealizado e massificado sobre líderes, religiões, costumes e também sobre a lógica capacitista e mercantilista na educação. Promovemos um debate a partir das ideias de Freud, Ferenczi, Winnicott e autores da cena atual com o intuito de construir um lugar possível para uma educação democrática nesse cenário.

Palavras-chave: Idealização. Angústia. Psicanálise. Educação. Coletivo.

Abstract

This article aims to analyze how the idealization mechanism in a group context would protect the subject from the anguish caused by the fear of helplessness in our contemporary society, which presents an idealized and amalgamated discourse about leaders, religions, customs and also about an education model based on capacitism and mercantilism. We intend to promote a debate based on the ideas of Freud, Ferenczi, Winnicott and authors of the current scene in order to build a possible place for a democratic education in this setting.

Keywords: *Idealization. Anguish. Psychoanalysis. Education. Groups.*

* Professora associada do Departamento de Fundamentos Pedagógicos da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Psicóloga e Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Grupo Alteridade Psicanálise e Educação (GAP(E)) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância, Bebês e Crianças Pequenas (GERAR), inscritos no CNPQ pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi, grupo-membro da International Sándor Ferenczi Network (ISFN). Niterói, RJ, Brasil. fernandamontes@id.uff.br

Este trabalho se propõe a delinear algumas questões em torno do funcionamento do mecanismo de idealização no coletivo como resposta defensiva do sujeito à angústia, promovendo um debate a partir das ideias de Freud, Ferenczi, Winnicott e autores da cena atual com o intuito de construir um lugar possível para uma educação democrática numa sociedade que, cada vez mais, apresenta um discurso idealizado sobre líderes, religiões, sobre a lógica capacitista e mercantilista na educação.

Compreendemos que, de certa maneira, a idealização num contexto social protegeria o sujeito da angústia. Ela nos permitiria criar ilusões tais como Freud nos sugere no *Futuro de uma ilusão* (1927/1996), que nos defendem da angústia provocada pelo medo do desamparo.

Nesse contexto, abordar a angústia nos remete a Winnicott e sua teorização acerca do medo do colapso. Podemos aproximar o caráter defensivo das agonias primitivas ou angústias impensáveis em sua teorização sobre o medo do colapso e a angústia freudiana como sinal defensivo em resposta ao perigo e como medo da morte (FREUD, 1926/1996).

Em Freud, a angústia automática ou originária seria a reação frente ao transbordamento psíquico (traumático) desde muito cedo, mas quando a angústia-sinal se constitui é que temos o caráter da angústia como afeto, conferido justamente pelo sinal de perigo. “A angústia originária só adquire sentido e pode ser, portanto, considerada um afeto, quando é representada pelo sinal de angústia” (LEJARRAGA, 2008, p. 95). Nesse sentido, a angústia-sinal se apresenta como organização defensiva já num segundo momento.

Em Winnicott, as agonias primitivas se referem ao desprovimento ambiental que não mais garantiria a continuidade do ser. Winnicott fez um estudo aprofundado sobre a construção subjetiva a partir de um campo relacional, do suporte social ou do vínculo. Para esse autor, nós nos constituímos na vida a partir desse suporte e nunca abandonamos essa necessidade. Winnicott sublinha a importância do vínculo na vida ordinária, cotidiana. Para essa compreensão, ele parte da relação mãe-bebê. No caso, mãe ambiente, ou seja, alguém que exerce a função materna e representa o ambiente do bebê, sendo o próprio bebê parte do ambiente. A mãe ambiente é quem se põe no lugar do bebê e supõe do que ele precisa. Quem tem amor pelo bebê e cria o que esse autor conceitua como *ambiente suficientemente bom* que garante suporte, segurança e confiança. Suporte que seguirá como necessidade do sujeito ao longo da vida para construir um espaço subjetivo que lhe permita construir sentimento de continuidade. O continuar a ser. Portanto, compreendendo o viés relacional ressaltado pelo autor ao tratar da constituição subjetiva, temos

uma noção de risco à própria sensação de existir diante do desprovimento ambiental. A experimentação desse estado de tamanha ruptura constituiria as agonias primitivas. O medo da repetição dessa experiência, num segundo momento, seria uma organização defensiva.

Em Winnicott, o termo “colapso” é usado para descrever o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva, e o autor se refere ao medo do colapso do *self*. O medo seria de um colapso que já aconteceu, ou seja, o medo da agonia original disruptiva da continuidade do ser em função do desamparo/desprovimento ambiental, que provocou intensa organização de defesa quando o ego ainda era muito imaturo.

Nesta visada, a partir da relação entre angústia e organização defensiva estabelecida tanto por Freud quanto por Winnicott, propomos que a idealização no âmbito coletivo poderia servir como proteção contra a angústia tal como sinal de perigo ou o que Winnicott denomina de medo do colapso.

Mas por que pensar na idealização no contexto coletivo? Sobre esse processo, Freud (1921/1996), em *Psicologia de grupo e a análise do ego*, faz alguns importantes apontamentos ao se debruçar sobre o funcionamento das massas. Ressaltamos a distinção que Freud aborda entre a identificação do ego com um objeto, que é a identificação entre os membros do coletivo, e a substituição do ideal do ego por um objeto, a idealização, mecanismo comum em relação ao líder.

Na idealização, o objeto é tratado da mesma maneira que o ego. A libido transborda para o objeto. O objeto torna-se sucedâneo para algo inatingido pelo ideal do ego. O objeto toma lugar no ego. Se na identificação há o enriquecimento do ego, que recolhe traços do objeto, na idealização percebemos o empobrecimento do ego na medida em que ele se entrega ao objeto. O objeto idealizado substitui um importante constituinte do ego. Nesse caso teríamos a fascinação e nenhuma possibilidade de acréscimo ao ego tal como na identificação ou na relação amorosa partilhada (MONTES, 2019).

Em alguns contextos coletivos, os indivíduos estabelecem com o líder uma relação idealizada de fascinação ou servidão, quando o líder funciona como o hiptotizador, ocupando o lugar do ideal do ego. Freud (1921/1996) nos chama atenção para a posição do indivíduo em relação ao líder, de total obediência, exatamente como ocorre na hipnose.

Abordando essa complexa relação entre sujeito e sociedade, no texto *O papel do sujeito humano na dinâmica social*, Enriquez (2001) trata da questão da heteronomia, ou seja, da sujeição do indivíduo ao coletivo. Ele discute o quanto indivíduo e o social se atravessam, podendo produzir indivíduos mais

ou menos heterônimos ou autônomos. O autor relaciona a heteronomia à “doença do ideal”.

A idealização desempenharia papel fundamental na edificação de uma sociedade, mas também na produção de indivíduos heterônimos por aparentar garantir certa estabilidade psíquica na medida em que transmite uma mensagem de serenidade sobre uma suposta ordem social. Diz Enriquez (2001, p. 32): “Se adoramos chefes que encarnam ideais fortes ou sociedades aparelhadas de virtudes admiráveis, nós próprios nos tornamos admiráveis. Miramos-nos no espelho que nos é estendido pelo próprio objeto de nossa admiração”. Conforme o autor, a idealização permite a manutenção de toda a sociedade visto que o indivíduo pode aceitar o recalque e aderir às injunções sociais, muitas vezes trocando sua liberdade pela segurança da manutenção narcísica individual, apoiado pelo narcisismo grupal. O que Enriquez (2001, p. 32) denomina “doença do ideal” seria a idealização que constrói identidades coletivas fortes, desprovidas de possibilidade de sublimação ou de possibilidade criativa, carregando não raramente ideais vazios e desprovidos de sentido como os ideais do consumo, por exemplo. E a tentativa de construção de identidades coletivas fortes favoreceria o narcisismo das pequenas diferenças (FREUD, 1921/1996, 1930[1929]/1996), conceito freudiano que visa esclarecer a ligação entre os indivíduos num coletivo por vínculos do amor entre os semelhantes e ataques ao estranho, através da satisfação da pulsão agressiva. Para Enriquez (2001, p. 33), esse “narcisismo grupal” traz embutido o risco do racismo exacerbado, do fanatismo religioso e político, podendo atingir indivíduos de uma mesma cultura. Pois quanto mais uma cultura busca essa unificação, mais intolerante ela se torna, desejando a morte dos diferentes ou a sua conversão justamente por ser balizada pelo ódio numa espécie de uma alucinação coletiva, onde os estrangeiros seriam perseguidores onipotentes. Quanto mais a sociedade constrói uma identidade coletiva forte, menos temos indivíduos autônomos:

Esses indivíduos heterônimos (levando-se em conta que a heteronomia total não existe nesse mundo) precisam, para existirem, idealizar a sociedade e os ideais que ela propõe. Em outras palavras, eles funcionam (mais do que vivem) sob a égide da doença do ideal. Quanto mais os ideais são necessários à constituição do sujeito, pois lhe fornecem uma base e o poder de escolher entre ações legitimadas pela sociedade – ou por suas próprias exigências pessoais –, tanto mais a doença do ideal (a idealização) desempenha um papel fundamental na edificação de uma sociedade e de indivíduos heterônimos. Por que a idea-

lização desempenha um papel tão importante? (ENRIQUEZ, 2001, p. 33).

Esse quadro que Enriquez nos apresenta, de indivíduos mergulhados em um narcisismo grupal, parece encontrar ancoragem na nossa sociedade a partir de algumas características da contemporaneidade de que aqui fazemos um recorte: a ascensão de lideranças idealizadas, inclusive autoritárias; discurso idealizado acerca das religiões e dos costumes; e idealização de uma educação asséptica, capacitista e mercantilista.

Há espaço para a angústia em nossa sociedade?

Retomando, por exemplo, o ponto sublinhado por Enriquez (2001) sobre a construção de identidades coletivas fortes, estas seriam calcadas na idealização, num movimento de fascinação e subserviência, produzindo ideais esvaziados de sentidos construídos subjetivamente. O autor nos aponta a construção social de uma ética na contemporaneidade, que seria voltada para a performance. Segundo ele, a paixão pela eficácia passou a ter lugar no conjunto do corpo social na medida em que o “espírito de empresa” exportou seus valores para a cultura, fora de seu campo estrito. O que importa é ser um vencedor e ter felicidade. A própria felicidade também aparece como um bem de consumo. Ter felicidade inclui ter sucesso, ter as coisas que esse sucesso possibilita comprar e ter a imagem de uma pessoa de sucesso. Podemos ver claramente esse discurso social adentrando o terreno da educação nos últimos tempos de forma cada vez mais incisiva. A educação vem sendo tratada nesta perspectiva do consumo. Nesse sentido, as crianças atualmente entram nesse mundo competitivo desde muito cedo, sendo cobrado no imaginário social, dos pais e, em certa medida, da escola, a formação de uma criança capaz de estar preparada para o futuro. E, no caso, essa preparação vem revestida do espírito de empresa mencionado por Enriquez (2001). Trata-se de formar crianças/pessoas baliçadas pela lógica da (in)suficiência, capazes de flexibilidade, liderança, proatividade e todo o rol de qualidades que se espera de um candidato a uma vaga de emprego. Podemos analisar esse fenômeno sob o prisma da doença do ideal? Não estaríamos diante da produção de indivíduos heterônimos a fim de nos proteger desmedidamente da angústia? Nesse sentido, Enriquez afirma:

A idealização permite a cada um sentir-se parte interessada no dever social e ser liberto de seu desamparo original, evocado por FREUD no *Futuro de uma Ilusão*, angústia de estar sem proteção e ser abandonado, rejeitado pelas autoridades tutelares que assumem o papel de pais benevolentes. Além disso, ela li-

sonjeia nosso próprio narcisismo. Se adoram os chefes que encarnam ideais fortes ou sociedades aparelhadas de virtudes admiráveis, nós próprios nos tornamos admiráveis. Miramo-nos no espelho que nos é estendido pelo próprio objeto de nossa admiração (ENRIQUEZ, 2001, p. 32).

Neste ponto questiono sobre o manejo da angústia no indivíduo contemporâneo. Estaria a angústia sob a égide de uma ética compatível com a contemporaneidade? Podemos aqui lembrar o debate de Sartre (1943/2011) em torno da angústia e da ética; da angústia como conceito fundamental para pensarmos a ética juntamente com os conceitos de liberdade e autenticidade. Quando tratamos das idealizações no coletivo atualmente, temos a predominância do funcionamento de discursos fascinados, obedientes, muito mais heterônimos do que autênticos e livres, em que o indivíduo abre mão da própria liberdade e da responsabilidade com o coletivo. Trata-se de um discurso de massa, onde a responsabilidade é depositada num outro ou no sistema. Um discurso que se adapta às necessidades do mercado, inclusive em detrimento da vida.

Pensando a partir desse contexto, observamos a tentativa do indivíduo contemporâneo de eliminação da angústia. Que produção subjetiva estaria sendo engendrada?

Para responder a essa questão, podemos lançar mão da compreensão do cotidiano como trauma, como coloca Seligmann-Silva (2000), que descreve a contemporaneidade como uma época em que o choque não é mais um estado de exceção na vida das pessoas, mas faz parte do dia a dia. Os traumas inseridos no cotidiano ressaltariam um caráter de passividade do sujeito frente ao mundo que surpreende a todo tempo. Entendendo o trauma como decorrente de uma intensidade de afeto para a qual o indivíduo não se preparou, ele é invadido por tamanha intensidade capaz de romper com todas as defesas. Invadido justamente por não poder manejar a angústia.

Retornando nossa atenção para o artigo *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926/1996), temos que a angústia, seja como neurose ou como puro afeto, constitui-se como uma reação ao perigo. Sendo assim, Freud (1926/1996) menciona a possibilidade de considerarmos as neuroses traumáticas como resultado do medo do aniquilamento; da morte. Seria uma defesa em favor da vida. Freud (1926/1996) relaciona a situação traumática ao desamparo. Além disso, esclarece que, por um lado, a angústia como sinal é a expectativa de um trauma, mas por outro, é a repetição dele em forma atenuada. Para fazer funcionar um sinal de perigo, há de se conhecer o perigo. Daí a angústia é sempre uma repetição; uma antecipação do afeto.

Em *Além do princípio de prazer* (1920/1996) Freud sustenta a noção de que o responsável pelo trauma é o fator surpresa. A surpresa provoca o susto ou terror (*Schreck*), que é diferente do medo (*Furcht*) e da angústia (*Angst*). A angústia descreve o estado de espera pelo perigo e preparação para enfrentá-lo, ainda que desconhecido. O medo está sempre em relação a um objeto definido e o susto ou terror é a denominação do estado em que alguém fica quando entrou em perigo sem estar preparado para ele.

Portanto, vemos o quanto a angústia é um afeto fundamental para a manutenção da vida psíquica. Freud concebe a angústia como um mecanismo de defesa, que protege o sujeito do terror e do desamparo. Afinal, no artigo *Inibições, sintomas e ansiedade*, vimos que “todo indivíduo tem, com toda probabilidade, um limite além do qual seu aparelho mental falha em sua função de dominar as quantidades de excitação que precisam ser eliminadas” (FREUD, 1926/1996, p. 146).

Com essa compreensão, observamos um quadro sendo desenhado, onde o indivíduo, aderido aos ideais sociais fortes, adaptado às demandas contemporâneas e num movimento de massa, estaria mais vulnerável ao cotidiano traumático quanto mais anestesiado em relação aos gatilhos da angústia. Ao invés da experimentação da angústia e possibilidade de manejo, o indivíduo sofre o choque traumático e suas consequências como a clivagem psíquica. Clivado, o indivíduo perde a possibilidade de integração entre afeto e sentido.

É nesse contexto que Ferenczi (1928/1967) utiliza a noção de autotomia. Originalmente, a autotomia corresponde ao movimento de alguns animais que destacam do corpo uma parte deste que provoca dor ou excitação demasiadamente forte. Ferenczi se apropria desse conceito, trazendo-o para o campo psicanalítico, onde passa a constituir uma fuga psíquica diante do que provoca dor. Para Ferenczi (1931/1992), conseqüentemente ao choque traumático, uma parte da pessoa amadurece de repente a partir de um tipo de clivagem que é da ordem da fragmentação. Haveria uma ruptura entre a parte destruída e a parte que vê a destruição. Uma parte nada sabe e guarda uma lembrança sensível do trauma e a outra parte sabe tudo e nada sente (FERENCZI, 1932/1990).

Assim, o traumatizado, segundo Ferenczi (1933/1992), tende ao mecanismo de identificação com o agressor e, desta forma, às relações hierarquizadas e de obediência/fascinação (FERENCZI, 1928/1992). A identificação com o agressor em Ferenczi seria uma relação da mesma ordem da relação hipnótica com o líder tal como sugerida por Freud no texto de 1921 (FREUD, 1921/1996).

Seguindo a proposta de Enriquez (2001), o inverso do indivíduo fascinado e mais facilmente identificado aos ideais coletivos fortes seria justamente a

figura do sujeito desejante, que aceita cotidianamente lidar com as impossibilidades mundanas e humanas de maneira criativa tal como Winnicott compreende a criatividade.

Sobre a educação como abertura para um espaço criativo

Tendo apresentado esse panorama, revisitamos Winnicott e suas ideias sobre a criatividade e a vida que vale a pena ser vivida. Winnicott sublinha a importância da criatividade no ordinário, no miúdo, no cotidiano, a partir da construção de um espaço subjetivo que nos dê uma sensação de continuidade: o continuar a ser. E como construímos recursos para construir esse espaço de continuidade? Para responder a essa pergunta, precisamos adentrar o que Winnicott (1945/2000) denomina de desenvolvimento emocional primitivo ao tratar da constituição subjetiva a partir da relação com o outro, através de uma ética do cuidado que marca a relação humana.

A mãe comum, suficientemente boa, que falha também, através de seus cuidados cotidianos, propicia uma relação que vai criando o espaço transicional ou potencial. Esse espaço ficaria entre o fora e o dentro, mundo externo e interno. Um espaço de relaxamento, que é construído cotidianamente nos momentos de apaziguamento e alegria do bebê. O bebê consegue alcançar esse estado tranquilo quando se sente em continuidade, experimentando a criatividade, propõe Winnicott (1975).

O autor defende que a saúde depende de uma vida criativa. Sem criatividade, não há autenticidade. A saúde está na capacidade de ação do indivíduo, isto é, depende de um agir autêntico. O relaxamento em condições de confiança, a atividade criativa e a somação dessas experiências formam a base do *self*.

Haveria um espaço de transição para que o bebê possa confiar no meio e alcançar o estado de relaxamento e não-integração fundamental para o agir autêntico sem o auxílio egoico materno. Afinal, uma diferença entre eu e não-eu precisa ser agenciada para que a distinção interno/externo se constitua. Desta maneira, a criação do espaço transicional – um espaço entre o mundo externo e o interno – seria fundamental nesse processo, possibilitando o agir criativo, exemplificado pelo brincar e pela associação livre. A criatividade, o brincar e a associação livre são da ordem da ação, completamente diferente da reação defensiva. A reação defensiva apenas tem lugar quando o meio é por demais falho ou intrusivo.

Nesse sentido, é através da transicionalidade que conseguimos viver uma vida que vale a pena ser vivida, uma vida criativa e com sentido. Trata-se da criatividade da vida ordinária, do cotidiano. A capacidade de ver o novo em algo já conhecido, de fruir o momento presente ou brincar (MONTES, 2019). É o espaço habitado pelo ursinho que não pode ser lavado ou pelas músicas repetidas que acalmam, que fazem a função de objetos transicionais e abrem um mundo de possibilidades para o uso da arte, da literatura e de tudo que vem compor as produções culturais. Afinal, esse espaço vai crescendo, tornando-se um espaço de relaxamento, brincante e de criatividade cada vez mais amplo e nos permitindo um contato com a realidade a partir de pontos de vista subjetivos. É através desse espaço que conseguimos viver uma vida que vale a pena ser vivida, uma vida criativa e com sentido.

Mas precisamos lembrar que é um espaço entre o fora e o dentro. Então, é necessário que o ambiente seja suficientemente bom, oferecendo suporte contínuo. É necessário que possamos construir laços sociais mais horizontalizados. Nessa visada, precisamos criar uma rede de suporte, mesmo que seja através da criação dos coletivos artificiais onde possamos dar espaço à angústia, criar objetos transicionais e discursos autênticos.

Portanto, é importante sublinhar a noção de ética do cuidado em Winnicott. Sua teoria propõe uma participação ativa dos indivíduos e de cuidado nas relações humanas. Aponta para a necessidade de nos oferecermos ao outro como um ambiente suficientemente bom. Não um ambiente perfeito. Mas um ambiente onde se possa experimentar a falha, o concernimento, a criatividade e também a angústia. Um ambiente confiável que propicie a experiência de continuidade.

Nessa visada é que entendemos a noção de ética do cuidado presente na obra de Winnicott. Sua teoria propõe que a natureza humana se refere a um campo relacional de cuidado. Essa atitude ética de cuidado, tomado em sua dimensão constitutiva, como único caminho para uma vida plena e saudável (PLASTINO, 2009). Dessa forma, as relações precisariam sustentar um ambiente suficientemente bom.

Construção semelhante àquela feita por Ferenczi em *Adaptação da família à criança* (FERENCZI, 1927/1992), texto que inaugura uma psicanálise pautada pelas “relações de objeto” ou por um campo afetivo-relacional em que todos nós nos encontramos desde sempre. Ao afirmar que é a família quem precisa se adaptar para receber a criança, Ferenczi coloca o cuidado em primeiro plano. De acordo com o autor (FERENCZI, 1927/1992), o nascimento seria um grande triunfo e uma verdadeira audácia, enquanto o ingresso da criança na

sociedade é o que pode produzir traumas cujos efeitos seriam subjetivamente mais prejudiciais. Portanto, Ferenczi relaciona o traumatismo aos efeitos dos desencontros nas relações. Vale lembrar que o trauma aqui diz respeito à impossibilidade de os adultos se adaptarem às necessidades das crianças.

(...) Num quarto onde existe uma única vela, a mão colocada perto da fonte luminosa pode obscurecer a metade do quarto. O mesmo ocorre com a criança se, no começo de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda a sua vida. É muito importante entender a que ponto as crianças são sensíveis; mas os pais não o creem (...)
(FERENCZI, 1928/1992, p. 5).

No texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (FERENCZI, 1929), Ferenczi indica que a relação de mutualidade traz o sujeito para a vida em compromisso com Eros, apoiado nas noções de Freud sobre a pulsão de morte (FREUD, 1919, 1930). Ferenczi radicaliza a ideia freudiana de que o amor faz laços vitais desde o início como um compromisso ético fundamental. Uma ética que cuida a partir das relações. De acordo com Kupermann (2019), a hospitalidade seria o primeiro princípio para uma ética do cuidado em psicanálise e seríamos primordialmente estrangeiros, dependentes da hospitalidade parental, familiar e de todas as instituições de cuidado, inclusive – e principalmente, a escola.

Ao pensar o lugar da escola como instituição de fundamental importância para crianças e famílias, Winnicott nos inspira a compreendê-la como espaço transicional ou potencial, permitindo a assunção da criatividade cotidiana (presente na sensação de ser, de continuidade e autenticidade). Porém, com a finalidade de construir esse sentido para a educação, pautada numa ética do cuidado como projeto de sociedade, precisamos rediscutir a relação entre a educação tal como é engendrada atualmente e seu diálogo com a sociedade que a contextualiza.

Segundo Plastino (2009), o pensamento cartesiano moderno tudo divide e tudo opõe: indivíduo x sociedade; natureza x cultura; corpo x mente. A modernidade concebeu a natureza e a natureza humana em oposição ou conflito com a sociedade, devendo o indivíduo ou ser precedente à sociedade, ou a sociedade ser precedente e excludente das individualidades. Ainda de acordo com Plastino (2009), a psicanálise construiu um terreno crítico acerca dessas questões e sobre a concepção de indivíduo e suas relações com a sociedade. “Ao mesmo tempo em que assinala o caráter constitutivo do outro (sociedade)

na emergência do sujeito, esse conhecimento fornece uma base sólida para afirmar a *singularidade e originalidade* de cada sujeito” (PLASTINO, 2009, p. 63). Nesse viés, temos as obras de Winnicott e Ferenczi, que mais enfaticamente buscam compreender a natureza e a natureza humana a partir de um caráter de historicidade, numa visão monista de mundo que rompe com os dualismos cartesianos. Assim sendo, a noção de natureza humana em Winnicott e de desenvolvimento do sentido de realidade em Ferenczi tratam da emergência do ser humano e da própria sociedade como parte da natureza. Localizamos isso em vários pontos de suas teses, como a relação que Ferenczi estabelece entre o desenvolvimento humano/social e o geológico (1913/1988, 1924/1967), a concepção sobre o nascimento como triunfo e o desenvolvimento como audácia, fundamentada na experiência de onipotência do humano como ser da natureza no útero materno (FERENCZI, 1913/1988).

Com essa perspectiva, o ambiente e as relações de mutualidade ganham relevo na compreensão dos processos constitutivos do ser humano como complexidade que envolve natureza e cultura como partes indissociáveis. Numa linguagem winnicottiana, precisamos de um ambiente suficientemente bom para nos desenvolver e simultaneamente somos ambiente para o outro a partir de nossa atitude ética, sendo esta consciente ou inconsciente. A sociedade em que nos inserimos e a partir da qual emergimos vem “dar o tom” dessa ética tão essencial à construção humana. É a partir do enlace com o grupo social que o bebê constrói o que Winnicott nomeou concernimento, imprescindível para a incorporação da alteridade no discurso humano. A partir da relação que testa os limites amorosos do eu e do outro, o bebê começa a compreender que toda relação com um “não-eu” precisa envolver uma cota de cuidado e a capacidade de se colocar no lugar do outro. Para Winnicott (1970/1999), essa é a base da ética e da democracia como propiciadoras de formas de viver autênticas e criativas. Temos a educação pautada pela ética do cuidado atuando em defesa da democracia. Em Winnicott, para que tenhamos uma sociedade democrática e solidária, precisamos de pessoas com possibilidade de habitar o espaço transicional e capazes de concernimento.

Desta maneira, Winnicott nos inspira a pensar no espaço educacional como possibilidade de experimentação da criatividade, que proporcione melhores destinos para a angústia, que não seu silenciamento através da construção de discursos idealizados que ganham adesão de massa, tal como nos apontou Enriquez (2001, p. 41) com a noção da “doença do ideal”. Assim, a educação pautada pela ética do cuidado é fundamental para a ideia de democracia como movimento de sujeitos implicados com a alteridade.

A educação como abertura para o espaço criativo, no sentido da transicionalidade, tem muito a contribuir com a democracia, construída por sujeitos desejan-tes e autênticos, portanto, menos suscetíveis à fascinação do mecanismo idealizatório tão comum aos movimentos de massa, onde localizamos relações hierárquicas baseadas na obediência a lideranças e conseqüente desresponsabilização subjetiva. Afinal, a democracia pressupõe relações mais horizontalizadas, permitindo que se construa o dialogismo da mutualidade.

Para finalizar, citamos Conceição Serralha (2013, p. 334) em seu artigo sobre a ética do cuidado em Winnicott e as ações em saúde e educação:

Para que tenhamos uma sociedade democrática e solidária, precisamos que esses indivíduos tenham tido a possibilidade de se constituírem em pessoas responsáveis, amadurecidas, capazes de, em todos os setores de atuação, integrar esses elementos citados, capazes de administrar seus próprios impulsos, renunciando a ganhos e prazeres individuais, capazes de, segundo Winnicott, carregar as personalidades não-integradas, que não podem contribuir, para que a sociedade não se degenere em sua democracia, naquilo que o uso do termo democracia tem relação com maturidade.

Tramitação

Recebido 17/11/2021

Aprovado 07/03/2023

Referências

ENRIQUEZ, E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: MACHADO; ARAÚJO (Org.). *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERENCZI, S. (1909). *Transferência e introjeção*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 77-108. (Obras completas Sándor Ferenczi, 1).

_____. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estádios. In:

_____. *Escritos psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988, p. 74-88.

_____. (1924). *Thalassa: psicanálise das origens da vida sexual*. Rio de Janeiro: BUP, 1967.

_____. (1927). *Adaptação da família à criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 1-14. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).

_____. (1928). *Elasticidade da técnica psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).

- _____. (1929). *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 47-51. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1931). *Análises de crianças com adultos*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 69-83. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1933). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-106. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1932). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FREUD, S. (1920). *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75. (Edição standard brasileira das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19).
- _____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-154. (ESB, 18).
- _____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-171. (ESB, 20).
- _____. (1927). *Futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-64. (ESB, 21).
- _____. (1930[1929]). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (ESB, 21).
- KUPERMANN, D. Sandor Ferenczi e a criança nos adultos. *Estilos da Clínica*, 24(2), p. 178-181, 2019. <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p178-181>>.
- LEJARRAGA, A. L. Os afetos em Winnicott. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 87-101, 2008.
- MONTES, F. F. A autoridade, o laço grupal e a construção de caminhos possíveis. *Aprender*, v. 22, p. 22-30, 2019.
- PLASTINO, C. A dimensão constitutiva do cuidar. In: MAIA, M. (Org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SARTRE, J-P. (1943). *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, A. (Org.) *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.
- SERRALHA, C. A. A ética do cuidado e as ações em saúde e educação. In: LOPARIC, Z. (Org.) *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW Editorial, 2013. p. 319-338.
- WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218-232.
- _____. (1963). O medo do colapso. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Org.). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. p. 70-76.
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.